



OUT/2024
SOBRE(A)VIDA
RIO DE JANEIRO

MANUELA FANTINATO
COLUMBIA GLOBAL CENTER RIO DE JANEIRO
Columbia Women's Leadership Program

“As histórias importam. Muitas histórias importam. As histórias foram usadas para espoliar e caluniar, mas também podem ser usadas para empoderar e humanizar. Elas podem despedaçar a dignidade de um povo, mas também podem reparar essa dignidade despedaçada.”

Chimamanda Ngozi Adichie

OBJETIVO

Produzir um filme a partir de uma série de entrevistas de mulheres em situação de refúgio na cidade do Rio de Janeiro. A obra será realizada com duplo olhar: dar visibilidade à questão, como uma iniciativa de *awareness*; promover a produção e circulação de conhecimento em duas mãos, voltados tanto à capacitação das mulheres refugiadas quanto a pesquisadores que possam se engajar no tema e contribuir para sua visibilidade. Todo o projeto deverá ser feito de forma participativa, de modo a garantir que respeite as demandas das participantes e tenha a narrativa como ferramenta de apropriação de suas próprias histórias. O filme parte da premissa do poder do storytelling como ferramenta de empoderamento sobre sua própria trajetória e de engajamento do público.

CONTEXTO

O projeto vem sendo elaborado desde que [Yerli](#), refugiada venezuelana, concedeu uma entrevista à criadora para o filme [Lugar de Mulher](#), que tratava da trajetória de mulheres nas ciências exatas – espaço profissional tradicionalmente dominado por homens. Embora focado na experiência profissional, seu relato chamou a atenção para a quantidade de mulheres em situação ou à espera de reconhecimento de refúgio no Brasil e as implicações disso. Trata-se de pessoas que deixaram seus lares, suas memórias e culturas e, com elas, todas as referências que possuíam para construir suas vidas. Forçadas a reconfigurar em novas línguas e articular-se em diferentes configurações sociais, perderam seus próprios passados e os futuros que haviam projetado para si e os seus. Algumas dessas mulheres deixaram famílias em seus locais de origem; outras abandonaram profissões. Há ainda aquelas que se veem impactadas por questões religiosas e de costumes.

Em país com um histórico de relações complexas com a migração, especialmente em uma cidade como o Rio de Janeiro – de um lado, profundamente dividida e carente de serviços; de

outro, polo turístico conhecido mundialmente pelas belezas e pela hospitalidade de seu povo – a situação das pessoas e, particularmente, das mulheres em situação de refúgio, pode ter efeitos bombásticos. Encoberta sob o mito ainda persistente da democracia racial, a ideia de hospitalidade pode se converter em manutenção de um cenário de segregação velada, e a necessidade de pertencimento podem terminar promovendo o apagamento de tradições ancestrais. Muitos questionamentos surgiram. 1) Qual é a diversidade de histórias encoberta pelo título de refúgio? 2) O que elas representam em nosso contexto? 3) Como garantir que não sejam apagadas e, mais importante, se revertam em força? 4) Como oferecer às mulheres donas dessas histórias oportunidades que respeitem suas culturas, seus anseios e suas demandas? 5) Como promover conhecimento e compreensão a respeito do novo ciclo de refúgio que vive o Brasil, de modo que essa integração desse contingente de pessoas seja respeitosa?

De acordo com o Observatório das Migrações: “Entre 2011 e 2022, 348.067 imigrantes solicitaram refúgio no país. Ao final do ano de 2022 existiam 65.840 pessoas refugiadas reconhecidas pelo Brasil”. Desses solicitantes, provenientes de 66 países diferentes, 45,4% são mulheres. O corte interseccional feminino apresenta enorme complexidade – o que faz, inclusive, com que a Acnur ofereça programas específicos às mulheres refugiadas, que, não raro, foram sofrerem explorações sexuais, físicas e psicológicas em suas trajetórias. Em 2023, o país reconheceu 77.193 pessoas como refugiadas, o maior quantitativo da história do sistema de refúgio nacional. Já são 143.033 pessoas com o status de refúgio do Brasil.

Contando com o apoio de um grupo de alunas de graduação em História da PUC-Rio, que se dedicam, em um projeto de extensão, ao estudo do tema, surgiu a ideia de desenvolver um projeto de história oral com mulheres em situação de refúgio no Rio de Janeiro. A história oral é uma metodologia de conhecimento histórico que visava preservar o olhar e a voz individual. Mas fazer história oral tem uma dupla acepção: trata-se de um esforço de pesquisa e também um compromisso ético de registrar discursos diversos dos oficiais. Trata-se de uma atividade necessariamente dialógica e colaborativa, que obedece a um só tempo a necessidade de contar e a urgência de dar a conhecer e que, portanto, deve sempre visar a abertura ao público. Daí, a ideia de transformá-lo em filme, para que possa circular, engajar públicos e promover sensibilização capaz de gerar ação. Com esse compromisso, desenhou-se, no escopo imediato do projeto, a criação de um curso, voltado para mulheres e conduzido por mulheres, de cultura e história

brasileiras, para que possam compreender as nuances formadoras do país que as acolheu e, assim, sentirem-se mais seguras e preparadas para transitar sob códigos que não dominam.

A premissa que motiva este trabalho vai ao encontro da citação que abre esse documento: histórias e vidas importam. E o fazem tanto a quem as conhece quanto, e sobretudo, a quem as conta.

ATIVIDADES

>> Formação de uma rede de parceiros que chancelem o projeto e permitam conectar mulheres de diferentes nacionalidades e contextos de refúgio abertas e interessadas a compartilhar suas histórias.

>> Enquadramento do projeto em leis de incentivo e busca de financiamento

>> Oficinas de escuta com refugiadas para conhecer suas realidades e demandas, de modo a garantir que a produção seja participativa

>> Realização de entrevistas, filmagem e finalização do filme

>> Exibições em contextos de presença refugiada e de público especializado, articulada com campanha de redes sociais

>> Realização de cursos de história e cultura brasileira para refugiados, por meio da PUC-Rio

ATORES

Esse projeto não se realiza sem parcerias. De um lado, para cumprir seu objetivo mais importante, que é servir de veículo para as mulheres refugiadas, é preciso associação a instituições que já gozem de confiança junto às comunidades às quais estão ligadas. De outro, é necessário associar-se a instituições que permitam a viabilização do projeto, tanto do ponto de vista financeiro quanto operacional, de modo a garantir sua circulação e a criação de redes. Como parcerias já formalizadas, estão a PUC-Rio, por meio do Departamento de História e da Cátedra Sérgio Vieira de Mello; e a Tocha Filmes, produtora especializada em pautas ESG, com

portólio de filmes ligados a gênero, meio ambiente e economia circular. Seguem em prospecção a Acnur e redes de acolhimento local (Cáritas e Aldeias Infantis); a Firjan, que já possui projetos ligados a inclusão de mulheres refugiadas na indústria; e a Toti Diversidade, empresa social voltada a inclusão de mulheres refugiadas na área de tecnologia.

RESULTADOS

- >> Promover compreensão sobre a multiplicidade de experiências e situações de refúgio, gerando, antes de tudo, empatia pelas vidas reais das participantes. Entende-se que apenas compreensão pode levar à ação e à transformação.
- >> Circular o filme em locais frequentados por pessoas em situação de refúgio, festivais, espaços culturais e universidades para dar visibilidade à realidade das mulheres em refúgio na cidade do Rio de Janeiro, permitindo, ainda, refletir sobre a situação em escala nacional
- >> Conscientizar as refugiadas entrevistadas de sua situação, permitindo que se apoderem de suas histórias
- >> Oferecer curso gratuito de cultura e história brasileira a mulheres em refugio para contribuir com seu processo de acolhimento e e compreensão da sociedade local
- >> Contribuir para a criação de uma rede de parceiros que possam promover integração e oferecer oportunidades a mulheres refugiadas

RISCOS

O projeto foi enquadrado na lei do ISS para captação, porém, é preciso ainda encontrar empresas dispostas a financiar; outras leis poderão ser usadas e é possível fazê-lo de forma totalmente independente e online, porém, sem o mesmo impacto. Para garantir que o projeto atenda às mulheres refugiadas e não apenas ao público curioso, é fundamental que as questões levantadas pelo filme sejam resultado de um trabalho colaborativo; para isso, é fundamental não apenas escuta ativa, mas chegar às mulheres através de uma rede de mediadores confiável; para isso, é preciso tecer parcerias com instituições reconhecidas pela atuação na causa.

REFERÊNCIAS

Gomes, Ângela de Castro (org). Escrita de si, escrita da História. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

Fernandes, Janaína; Onuma, Fernanda. “Mulheres em situação de refúgio: as mais vulneráveis dentre as vulneráveis, segundo a teoria da reprodução social”. In: Cad. EBAPE.BR, v. 22, nº 2, Rio de Janeiro, e2023-0124, 2024.

Junger da Silva, Gustavo; Cavalcanti, Leonardo; Lemos Silva, Sarah; de Oliveira, Antônio Tadeu Ribeiro. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério da Justiça e Segurança Pública/ Departamento das Migrações. Brasília, DF: OBMigra, 2024.

Lugar de Mulher (documentário). Direção: Manuela Fantinato e Sylvio Rocha (2023).

Lista de institucionais de referência:

>> Acnur

>> Projeto Estou refugiado

>> Rede refugia

>> Mawon